

FORMA URBANA E SOCIABILIDADE: TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO PÚBLICO EM CIDADES DO OESTE CATARINENSE

URBAN FORM AND SOCIABILITY: TRANSFORMATIONS IN PUBLIC SPACE IN CITIES OF WESTERN SANTA CATARINA

FORMA URBANA Y SOCIABILIDAD: TRANSFORMACIONES EN EL ESPACIO PÚBLICO EN CIUDADES DEL OESTE DE SANTA CATARINA

Luís Eduardo Candeia¹
Cássia Regina Segnor²
Almir Francisco Reis³

RESUMO

O espaço público, como *locus* de sociabilidade, é amplamente estudado em grandes cidades. Este artigo investiga a relação entre forma urbana e vida social em núcleos catarinenses interioranos de médio e pequeno porte e fundação recente (1917): Chapecó e Joaçaba. Embora possuam origem comum, apresentam dinâmicas e formas urbanas distintas. A pesquisa adota uma abordagem morfológica e processual para analisar as transformações na forma e no uso dos espaços públicos durante a colonização e a contemporaneidade. Avaliam-se o traçado urbano, o uso do solo, as configurações locais e a apropriação dos espaços (presença, diversidade de usuários e temporalidade). Os resultados apontam divergências nos processos de crescimento, configuração e apropriação: Chapecó exibe lógica racional, traçado ortogonal, escalas amplas e usos distribuídos; Joaçaba apresenta malha sinuosa adaptada ao relevo, com apropriações sociais concentradas e intensas.

Palavras-chave: morfologia urbana; apropriação espacial; Chapecó; Joaçaba.

ABSTRACT

Public space, as a locus of sociability, is widely studied in large cities. This article investigates the relationship between urban form and social life in medium and small-sized inland municipalities of recent foundation (1917) in Santa Catarina: Chapecó and Joaçaba. Although they share a common origin, they present distinct urban dynamics and forms. The research adopts a morphological and processual approach to analyze transformations in the form and use of public spaces during colonization and contemporaneity. The urban layout, land use, local configurations, and the appropriation of spaces (presence, user diversity, and temporality) are evaluated. The results indicate divergences in growth, configuration, and appropriation

¹Mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: luis.eduardo.candeia@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8073-5001>.

²Mestra em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: cassiasegnor@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2483-6235>

³Doutor em Arquitetura e urbanismo. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: almir.reis@ufsc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2175-494X>.

processes: Chapecó exhibits a rational logic, orthogonal layout, broad scales, and distributed uses; Joaçaba presents a sinuous grid adapted to the topography, with concentrated and intense social appropriations.

Keywords: urban morphology; spatial appropriation; Chapecó; Joaçaba.

RESUMEN

El espacio público, como *locus* de sociabilidad, es ampliamente estudiado en grandes ciudades. Este artículo investiga la relación entre forma urbana y vida social en núcleos del interior de Santa Catarina de mediano y pequeño tamaño y fundación reciente (1917): Chapecó y Joaçaba. Aunque poseen un origen común, presentan dinámicas y formas urbanas distintas. La investigación adopta un enfoque morfológico y procesual para analizar las transformaciones en la forma y en el uso de los espacios públicos durante la colonización y la contemporaneidad. Se evalúan el trazado urbano, el uso del suelo, las configuraciones locales y la apropiación de los espacios (presencia, diversidad de usuarios y temporalidad). Los resultados señalan divergencias en los procesos de crecimiento, configuración y apropiación: Chapecó exhibe una lógica racional, trazado ortogonal, escalas amplias y usos distribuidos; Joaçaba presenta una malla sinuosa adaptada al relieve, con apropiaciones sociales concentradas e intensas.

Palavras chave: morfologia urbana; apropiação espacial; Chapecó; Joaçaba.

Como citar este artigo: CANDEIA, Luís Eduardo; SEGNOR, Cássia Regina; REIS, Almir Francisco. Forma urbana e sociabilidade: transformações no espaço público em cidades do oeste catarinense. **DRd – Desenvolvimento Regional em debate**, v. 16, p. 368-385, 10 ago. 2026. Doi: <https://doi.org/10.24302/drd.v16.6047>.

Artigo recebido em: 14/08/2025; **Artigo aprovado em:** 07/08/2026; **Artigo publicado em:** 10/08/2026

1 INTRODUÇÃO

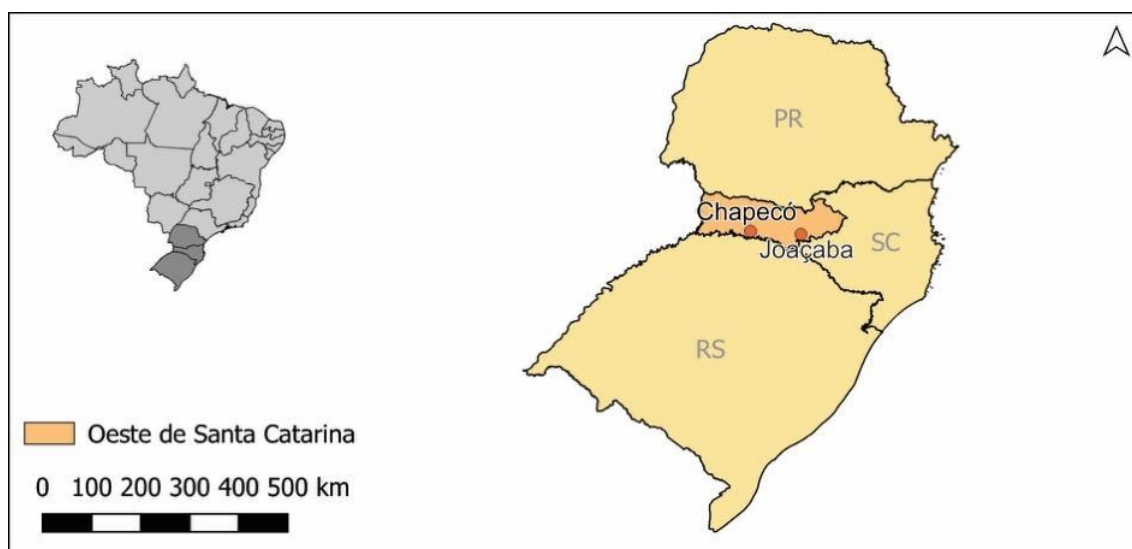
O campo teórico da Arquitetura e Urbanismo abrange diferentes abordagens, recortes, escalas e óticas necessárias à apreensão da realidade espacial. No escopo da Morfologia Urbana, é possível observar o espaço a partir de dimensões, que expressam diferentes expectativas sociais acerca dos lugares urbanos: aspectos bioclimáticos, funcionais e de legibilidade, por exemplo. Tais excertos do mundo concreto são fundamentais para o entendimento dos seus efeitos no cotidiano e para o aprimoramento de processos de Desenho e Planejamento Urbano, contribuindo com tomadas de decisão conscientes. Aqui, tratamos especificamente da relação entre a forma dos espaços públicos e a apropriação, a vida social que estes são capazes de fomentar a partir de diversos atributos configuracionais. Além disso, neste trabalho, a análise é efetuada de forma processual, a partir de recortes temporais que refletem diferentes momentos do desenvolvimento das cidades estudadas.

O estudo aborda, assim, as mudanças e permanências ocorridas na forma e na apropriação dos espaços públicos de Chapecó e Joaçaba (Figura 1), no interior de Santa Catarina. Este é um território que apresenta recente urbanização, a partir dos anos 1920, e desenvolvimento tardio, por conta de conflitos por sua posse. Passa ainda por explorações imperialistas estadunidenses, as quais resultam no massacre de povos originários e na

colonização da região, que assim desenvolve-se inicialmente com base na agricultura de subsistência, e mais tarde, na agroindústria. Hoje, não depende unicamente de tal fonte, mas esta ainda está enraizada na economia de grande parte das cidades.

Justifica-se o estudo, ao aplicar os métodos de análise de forma e uso dos espaços públicos das cidades em diferentes períodos, compreendendo esta relação ao longo do tempo, em um cenário que se replica pelo Brasil: cidades do interior, desenvolvidas com base na agropecuária, e mais tarde, na agroindústria. Esta dinâmica resulta em uma relação social diferenciada das presenciadas em metrópoles e grandes núcleos, pois há uma ligação estreita com o campo, seus hábitos e costumes, bem como a manutenção cultural de heranças provenientes de colonizações europeias.

Figura 1 – Localização de Chapecó e Joaçaba no Sul do Brasil



Fonte: Elaborado pelos autores com base em IBGE (2011, 2021).

É interessante destacar que, quase sempre, os estudos empíricos de morfologia urbana analisam os espaços públicos, sua configuração e a sociabilidade ali exercidas, extraindo resultados com base em investigações que se utilizam de cidades grandes, metrópoles e suas conurbações. Geralmente concentrando a observação no cenário atual destes conglomerados, discutindo somente a contemporaneidade, mas não aprofundando, de maneira dinâmica, as transformações que a forma e a apropriação desses espaços têm sofrido no correr do tempo. Assim, aplicar tais meios de apreensão do espaço urbano e de sua apropriação cotidiana sobre o território analisado, coloca-se como importante tarefa para elucidar a forma com a qual tais dinâmicas desenrolam-se em cidades médias, desenvolvidas em função da economia agroindustrial.

Ao utilizar como objeto de estudo as cidades de Chapecó e Joaçaba, o artigo torna-se então capaz de destacar dois diferentes marcos do desenvolvimento na região, que também são momentos fundamentais no crescimento do país: o progresso impulsionado pela malha ferroviária (Joaçaba), e o fortalecimento econômico que se segue, com base no rodoviarismo e na industrialização (Chapecó). Cada uma destas ondas de investimento teve diferentes impactos nos núcleos, e esta diferenciação produziu resultados testemunhados pelos espaços públicos até a contemporaneidade.

O objetivo da pesquisa reside, portanto, na análise do uso e a apropriação do espaço urbano, em diferentes períodos temporais, tendo por base um cenário pouco estudado, e com algumas particularidades, mas representativo de toda uma faceta brasileira sobre a qual poucos estudos se dedicam. Os métodos utilizados baseiam-se no campo teórico da Morfologia Urbana, destacando os processos de crescimento das cidades e considerando a influência da configuração espacial em sua vida social.

O texto deste artigo está estruturado em quatro seções principais, além desta introdução. A seção 2 apresenta o método de estudo, detalhando a fundamentação teórica morfológica e processual adotada. A seção 3 divide-se na leitura histórica do processo de crescimento de Chapecó e Joaçaba e na posterior análise comparativa de suas formas e dinâmicas de vida urbana na contemporaneidade. Por fim, a seção 4 reúne as considerações finais derivadas da pesquisa.

2 MÉTODO DE ESTUDO

O processo de crescimento e desenvolvimento de um núcleo urbano pode ser lido pelo estudo da acumulação temporal de formas e significados, que permanecem como testemunhos da ação humana, resistindo ao tempo. Simultaneamente, elas também são transformadas adequando-se às necessidades e ansias de cada momento histórico. Para uma compreensão mais consistente da estrutura urbana contemporânea dos assentamentos estudados, se faz então fundamental o estudo de sua história, trazendo à luz a contribuição dos diversos tempos na consolidação do espaço do presente.

Conzen (2022) e Solà-Morales (1997) oferecem referenciais teóricos e metodológicos fundamentais para a leitura desses processos. A abordagem de Conzen permite compreender tanto as permanências quanto as transformações urbanas, respeitando uma lógica hierárquica. Usos e edificações mudam com maior frequência, seguidos por modificações no tecido urbano; e por fim, o traçado viário, por sua escala e complexidade, tende a permanecer por mais tempo. A forma urbana, então, nasce do modo como esses processos se sobrepõem e articulam historicamente, fazendo do traçado não apenas um instrumento de projeto, mas também um testemunho histórico da transformação urbana.

Ainda de Conzen, interessa particularmente a concepção da cidade como formada por três níveis articulados, e a noção de que esses níveis se transformam em diferentes ritmos e escalas. Isso permite identificar o que permanece e o que se transforma na configuração urbana ao longo do tempo. Já de Solà-Morales, destaca-se a articulação entre parcelamento, urbanização e edificação como processos estruturantes da forma urbana, e a ênfase no traçado enquanto instrumento e testemunho da construção histórica da cidade. Discussões recentes no campo da morfologia ratificam a relevância de tais pressupostos, enfatizando que o estudo configuracional transcende a mera contemplação histórica. Configura-se, na verdade, como ferramenta vital à orientação e ao planejamento do crescimento dos centros urbanos nacionais (Medeiros; Holanda, 2024).

A partir desses referenciais, foi possível observar como diferentes momentos históricos se inscrevem nas formas urbanas, e como essas formas expressam as lógicas sociais, econômicas e culturais de sua produção. Nessa perspectiva, a estrutura contemporânea de Chapecó e Joaçaba revela-se não como um objeto inerte, mas como o resultado concreto de

sucessivas camadas históricas. A apreensão de sua morfologia demanda o entendimento de como as malhas primogênicas da colonização e o processual parcelamento do solo permanecem, até a contemporaneidade, como elementos que estruturam as dinâmicas espaciais e as interações sociais nestes núcleos.

Desde os agrupamentos que deram origem às cidades, os espaços públicos são palco de trocas sociais e econômicas, de diversidade e de vida urbana. A vida pública se desenvolve nestes lugares, e o pluralismo de ideias, culturas e discursos se manifesta, sustentado por distintas configurações espaciais. Os diferentes arranjos de sua forma e da distribuição de seus usos e atividades influenciam diretamente a vida urbana, desempenhando um papel ativo na maneira como os lugares são apropriados no cotidiano.

A este respeito, Hillier e Hanson (1984) publicam “The Social Logic of Space”, onde apresentam sua teoria de que a configuração espacial está intimamente relacionada com os processos de apropriação social dos espaços públicos. Além disso, afirmam que o espaço público cria uma comunidade virtual, ou seja, um conjunto de possibilidades e limitações para uma efetiva apropriação, que pode vir a materializar-se no cotidiano, mas que tem um valor intrínseco em si próprio, enquanto patrimônio da cidade.

Em território nacional, Holanda (2018) discute a respeito dos antagonismos entre sociabilidade e forma urbana, inspirado pelo caso de Brasília. Para analisar seu objeto de estudo, desenvolve uma importante metodologia que correlaciona o desenho com a apropriação dos espaços públicos a partir de diferentes recortes. Estes são representados pela forma, em escala global e em suas configurações locais, pelos usos do solo, e pela efetiva apropriação que tais espacialidades são capazes de incitar. Gabriela Tenório (2012), dá continuidade aos métodos propostos por Holanda, demonstrando como a configuração influencia a vida social. A autora então sintetiza seus achados criando um método de análise a partir das dimensões traçadas por Holanda para a apreensão do espaço. Pesquisas recentes corroboram e atualizam esses modelos, de forma que aplicados têm evidenciado, por exemplo, que a configuração da malha viária e a distribuição das atividades locais atuam como determinantes diretos sobre a mobilidade pedonal e a vitalidade contemporânea das praças e vias (Carvalho et al., 2023).

Com base no quadro teórico elaborado, entende-se que a forma urbana pode ser diretamente relacionada à vida social, com seus efeitos sendo vivenciados no cotidiano das cidades. Tal afirmação não deve ser entendida como determinismo espacial, mas como declaração de que o ambiente estabelece efetivamente um conjunto de possibilidades e limitações ao uso cotidiano dos espaços públicos, e que o estudo dos seus efeitos na vida urbana é de vital importância para arquitetos e urbanistas. No contexto das cidades catarinenses investigadas, argumenta-se que a efervescência do espaço público central está intrinsecamente vinculada à articulação entre a morfologia do traçado e a pluralidade funcional, elementos que atuam de forma sinérgica na mediação dos fluxos e da copresença no cotidiano urbano.

O percurso metodológico aqui trabalhado estrutura-se assim em três partes interdependentes, para compreender as relações entre os processos históricos de crescimento urbano, a configuração resultante, e os modos de uso e apropriação dos espaços públicos nas cidades de Chapecó e Joaçaba. Inicialmente, o trabalho se debruça sobre os processos de gênese e expansão urbana de cada cidade, com foco na identificação das lógicas territoriais que nortearam sua formação e posterior desenvolvimento. Em seguida faz a leitura da forma urbana daí resultante e, por fim, suas implicações no cotidiano da vida urbana.

A leitura histórica permitiu evidenciar como fatores como a estrutura fundiária, os modelos de colonização e a agroindústria moldaram as distintas trajetórias de crescimento, cujos efeitos se expressam nas formas espaciais atuais. A partir do corpo teórico apresentado foi realizada uma periodização do processo de urbanização, onde foram demarcados dois recortes temporais fundamentais: o Colonial, compreendendo o período que vai da gênese urbana na década de 1920 até industrialização plena, nos anos 1970, e o Contemporâneo, da década de 1970 até os dias atuais. As posteriores leituras realizadas para as duas cidades, relacionando forma e apropriação dos espaços públicos consideraram estes períodos temporais.

Na sequência foi realizada uma análise detalhada da configuração urbana em diferentes escalas: do traçado, da organização do tecido urbano e das configurações locais. A leitura do traçado foi fundamental para o estudo, na medida em que a trama urbana gera diferentes localizações no contexto do tecido, definindo áreas mais integradas e mais segregadas. A análise das configurações locais verificou a forma e as dimensões dos espaços públicos, do modo em que se encontram delimitados, as interfaces que estabelecem com os espaços internos de uso privado. Esta leitura configuracional foi complementada com uma leitura funcional que observou a quantidade e diversidade de usos do solo existentes, tendo em vista os efeitos que estas atividades estabelecem sobre os espaços públicos. Por fim, os dados obtidos nas fases anteriores foram relacionados à apropriação nos espaços públicos centrais, por meio da análise da quantidade e diversidade de usuários aí existentes. Esta etapa verificou em que medida as formas urbanas resultantes e distintos processos de crescimento se relacionaram, nos dois recortes temporais estabelecidos, com a vitalidade social. Assim, constrói-se a argumentação de que a morfologia urbana, como expressão acumulada de diferentes tempos e lógicas de desenvolvimento, tem papel central na promoção ou restrição da vida pública.

3 CHAPECÓ E JOAÇABA: PROCESSO DE CRESCIMENTO, FORMA E VIDA SOCIAL

3.1 O PROCESSO HISTÓRICO DE CRESCIMENTO

A formação do Oeste Catarinense⁴ território primeiramente ocupado pelos povos indígenas Kaingang, Xokleng e Guarani, foi um processo complexo marcado por sucessivos conflitos. As primeiras disputas envolveram os povos autóctones e as incursões de bandeirantes e tropeiros, que estabeleceram uma rota vital para o comércio pecuário entre São Paulo e Rio Grande do Sul. Em um segundo momento, a posse da terra tornou-se objeto de litígio internacional com a Argentina, uma questão diplomática que só encontrou solução na transição do século XIX para o XX, através de uma arbitragem conduzida pelos Estados Unidos.

A virada econômica e social da região foi significativamente influenciada pela implantação da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. O investidor estadunidense Percival Farquhar, responsável pela obra, recebeu como compensação extensas áreas de terra, alterando profundamente o uso e a propriedade do solo (Santos, 2000; Pertile, 2008). A construção da

⁴ Destacamos que a região Oeste de Santa Catarina é categorizada pela Divisão Regional do Brasil de 1990 (IBGE, 1990), mas há uma mais recente regionalização, onde ambas as cidades localizam-se na Região Geográfica Intermediária de Chapecó, e cada uma das duas, nomeia sua própria Região Geográfica Imediata (IBGE, 2017).

ferrovia, entretanto, foi acompanhada por desapropriações compulsórias, pelo desmatamento de grandes faixas de terra e pela exploração da mão de obra local. Esses fatores, somados ao declínio do transporte por tropas, às tensões fronteiriças entre Santa Catarina e Paraná e à intolerância religiosa, foram catalisadores da Guerra do Contestado. Concluída militarmente em 1915 e formalmente em 1917, este conflito resultou na criação estratégica de cidades como Mafra, Porto União, Chapecó e Cruzeiro (posteriormente, Joaçaba), que visava consolidar a ocupação e administração do território (Santos, 2000; Pertile, 2008; Nodari, 2002, 2009).

O posicionamento geográfico final das cidades influenciou diretamente seu desenvolvimento. Joaçaba, beneficiada por sua proximidade com a linha férrea, experimentou um crescimento populacional acelerado, impulsionado pela chegada de migrantes via trem. Já Chapecó dependia inicialmente de estradas precárias, que apresentavam grandes desafios para o trânsito, especialmente durante as cheias do Rio Uruguai (Nodari, 2009).

O traçado urbano de Chapecó segue o plano da Colonizadora Bertaso, Maia & Cia, projetado em 1918, caracterizado por uma malha ortogonal regular com diagonais que estruturam o núcleo central, onde se concentram os principais equipamentos públicos. A topografia plana do planalto permitiu a execução integral desse desenho (Dori, 2019; Nodari, 2009). Já Joaçaba apresenta um crescimento urbano mais orgânico, condicionado à implantação da ferrovia em Herval d'Oeste, sua cidade gêmea. A ocupação foi conduzida pelos próprios colonizadores, adaptando-se à topografia acidentada do Vale do Rio do Peixe, com quadras regulares apenas em sua porção central e um traçado irregular predominante (Nodari, 2009).

Quando Joaçaba foi estabelecida, não houve previsão de lotes para equipamentos públicos por parte das companhias colonizadoras ou do governo estadual. Essa ausência, condição comum a núcleos urbanos próximos às ferrovias, se tornou um entrave para a cidade. Além disso, os lotes próximos à malha e à estação ferroviária eram mais caros, dificultando sua compra e assim, a consolidação de um centro (Nodari, 2009). A cidade se desenvolveu ao longo das curvas sinuosas do Rio do Peixe, que delimitava sua fronteira, sendo ainda cortada pelo Rio do Tigre. Tal configuração exigiu que se adaptasse ao relevo, dificultando um crescimento mais linear. Em contraste, Chapecó se beneficiou de um plano urbanístico bem estruturado. O projeto previu lotes centrais para prédios públicos e praças, para onde todas as ruas convergiam, sobre um planalto com poucos impasses à expansão (Nodari, 2009).

Durante o processo de formação urbana das duas cidades, houve uma preocupação com o embelezamento. As elites locais dos novos núcleos urbanos impulsionaram iniciativas para remodelar as cidades, buscando conferir-lhes uma aparência mais civilizada e "urbana". Para alcançar esse objetivo, projetos como a construção de largas avenidas com canteiros centrais foram implementados em Chapecó.

A consolidação das infraestruturas no Oeste Catarinense, especialmente as redes elétrica, rodoviária e de comunicação, impulsionou então o estabelecimento vigoroso de agroindústrias na região. Esse processo ocorreu em paralelo ao cenário nacional de expansão de um mercado para produtos agropecuários industrializados, que se intensificou a partir da década de 1950, com maior força nos anos 1960 (Delgado, 1984). Além de demandarem um vasto contingente de produtores rurais, essas empresas também foram um motor para o crescimento da população urbana, que se constituiu como a nova classe operária. Neste momento acontece então uma inflexão fundamental para a presente análise, onde as cidades deixam de ser exclusivamente subordinadas à pequena produção mercantil, e voltam-se ao

mercado agroindustrial. Abandonam então o período aqui denominado de Colonial, para adentrar na seção histórica a qual chamamos de Contemporânea, onde o território integrado e modernizado permite o pleno funcionamento de indústrias. Como resultado, as cidades expandem-se em área e população, com semelhanças em sua fonte econômica e social, mas disparidades impostas pelo território.

A obsolescência da via férrea empobrece a integração ostentada por Joaçaba, a qual fundamentou um crescimento acelerado e um desenvolvimento mais potente na gênese do território. Ao mesmo tempo, o Oeste recebe investimentos rodoviários que conectam de maneira mais eficaz a região com seu entorno e com grandes polos em São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Desta forma, o acesso à Chapecó torna-se facilitado, enquanto a topografia do vale acidentado onde estabeleceu-se Joaçaba dificulta sua integração rodoviária.

Como resultado, Chapecó chega aos dias atuais como o principal polo do Oeste, exercendo forte influência na região e no Estado, com economia baseada não mais somente na agroindústria, muito embora seja esta a sua principal fonte. Joaçaba também baseia seu crescimento principalmente na produção agroindustrial, mas devido aos fatores supracitados, não experiencia o mesmo desenvolvimento percebido em Chapecó. Perde assim, o protagonismo regional presente nos anos iniciais de seu crescimento, evidenciando que condições como a integração territorial e a possibilidade de expansão são fundamentais para a reprodução do sistema econômico predominante na região.

3.2 FORMA E VIDA URBANA

3.2.1 O Traçado

A leitura do traçado, em consonância com a teoria de Hillier e Hanson (1984), destaca a influência fundamental deste elemento da forma urbana na organização dos fluxos cotidianos da cidade e na apropriação dos espaços públicos. Assim, contribui diretamente para a constituição de lugares com diferentes graus de centralidade, influenciando na distribuição dos usos do solo e no modo como a vida social se distribui pelo tecido urbano.

O traçado de Chapecó segue o plano urbano da Colonizadora Bertaso, Maia & Cia, que deu início à urbanização da cidade em 1918 (Dori, 2019). O desenho abaixo (Figura 2A) apresenta uma malha regular ortogonal que é recortada diagonalmente em sua porção central, criando uma hierarquia espacial onde localiza-se a Praça, a Prefeitura, a Catedral e serviços essenciais para a população. Essa configuração resulta em uma malha pouco diferenciada, com baixa hierarquização entre os espaços e, consequentemente, baixos níveis de segregação espacial. O traçado favorece a distribuição relativamente homogênea de fluxos de pessoas e veículos no tecido urbano, diferenciando-se somente pelos eixos radiais que criam um ponto de convergência central, atuando como foco dos deslocamentos e da vida urbana. As quadras de tamanho regular, com esquinas a curtas distâncias, proporcionam muitas alternativas de percurso e fluxos de passagem, de moradores locais e estranhos. Boa parte da configuração que consta no plano foi consolidada, como pode ser percebido no traçado contemporâneo (Figura 2B), permitindo a continuidade da integração espacial e uma distribuição regular de fluxos de passagem em todas as suas porções. Destacamos principalmente a permanência da composição do núcleo central radial e das funções ali alocadas. A ortogonalidade do traçado também

permanece, e se expande, principalmente na porção leste da cidade, como testemunha das possibilidades da topografia regular.

Já em Joaçaba, o processo de crescimento encontra-se fortemente ligado à via férrea. O *Jornal República*, publicado em 1932⁵ noticia que os núcleos gerados a partir da ferrovia eram organizados pela população local, onde faziam “os próprios colonizadores uma carta topográfica com os mais rudimentares traçados de ruas”. Assim, a cidade conforma-se organicamente, adequando-se à topografia acidentada do Vale do Rio do Peixe (Nodari, 2009), de modo que apenas algumas das quadras de sua porção central são quadriculadas (Figura 2C), enquanto o restante da forma urbana prolonga-se com formas variáveis e irregulares. Tal configuração resulta em um traçado com pouca integração, gerando um centro bastante potente e, nas demais partes do tecido urbano, espaços públicos de domínio local, com poucos fluxos de passagem. Este aspecto tende a estabelecer grandes diferenças entre as formas de apropriação dos lugares da cidade, com o centro concentrando fluxos intensos e diversificados, e áreas locais de uso praticamente exclusivo de seus moradores. Na contemporaneidade (Figura 2D), o traçado expande-se para as franjas do tecido, seguindo as condicionantes topográficas, e perpetuando assim a irregularidade presente na malha desde sua gênese.

Figura 2 – Traçado e estruturação do tecido urbano de Chapecó e Joaçaba

A: Plano urbano de Chapecó – 1938



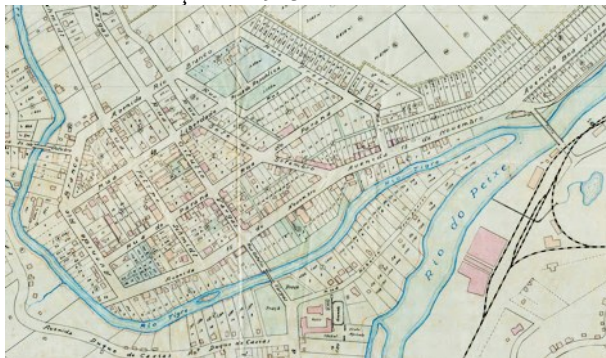
Fonte: Nodari (2009).

B: Traçado de Chapecó - contemporaneidade



Fonte: Chapecó (2025), adaptado pelos autores.

C: Planta de Joaçaba - 1943



Fonte: Koterbaz (1943).

D: Traçado de Joaçaba - contemporaneidade



Fonte: Joaçaba (2025), adaptado pelos autores.

⁵ M.V. Oeste Catarinense. *Jornal República*, Florianópolis, 23 de ago. 1932.

A análise comparativa da configuração urbana de Joaçaba e Chapecó nos dois períodos investigados, o Colonial e o Contemporâneo, evidencia a coexistência de permanências e transformações ao longo do tempo. Em ambas as cidades, o traçado viário e o parcelamento inicial dos núcleos urbanos permanecem como elementos estruturantes dos fluxos e da organização espacial, revelando a resiliência da morfologia fundacional. No entanto, observa-se uma profunda transformação nas tipologias edilícias, nos usos do solo e nas infraestruturas urbanas, impulsionada pelo adensamento populacional e pela verticalização progressiva que marcam o processo histórico de crescimento e consolidação urbana desses centros regionais.

3.2.2 Configurações locais e usos e atividades no tecido urbano

Aprofundando a escala local, a análise das dimensões e limites dos espaços públicos centrais de Chapecó e Joaçaba revela como as especificidades morfológicas de ruas e praças influenciam as dinâmicas de uso e apropriação, confirmando ou tencionando as características locais previamente descritas.

3.2.2.1 Chapecó

Em Chapecó, a centralidade planejada concentra equipamentos públicos de interesse popular, a Catedral e a Praça Coronel Bertaso. Ocupando um dos quatro quadrantes centrais, a praça (historicamente equipada com fontes, estátuas, mobiliário e vegetação) configura um vazio urbano de aproximadamente 65x60m que garante monumentalidade ao templo religioso. O sistema viário central endossa essa escala generosa, que se mantém predominantemente inalterada ao longo do tempo. Destacam-se os eixos estruturantes perpendiculares: a Av. Getúlio Vargas (Norte-Sul, com 8km de extensão) e a Rua Marechal Floriano Peixoto (Leste-Oeste, com 4km). Concebidas como verdadeiros bulevares de aproximadamente trinta metros de largura e canteiros centrais ajardinados, essas vias organizam fluxos intensos de veículos e pedestres e garantem alta conectividade. Além da eficiência viária, tal configuração cria perspectivas visuais amplas que valorizam a monumentalidade das edificações institucionais e comerciais, materializando os ideais urbanísticos modernos vigentes na fundação da cidade (Figura 3).

Figura 3 – Chapecó – Permanências da forma urbana

Chapecó - década de 1950



Fonte: Zolet ([19--a]).

Chapecó - contemporaneidade



Fonte: Prandi (2014).

No que tange aos limites do espaço público, a configuração inicial de Chapecó apresentava pouca demarcação devido aos grandes lotes vazios deixados pelo plano colonizador. Com o adensamento, as edificações passaram a ocupar os limites frontais e laterais dos terrenos, padrão que se encontra plenamente consolidado na atual área central. Assim, a fachada assumiu a função de delimitação física e simbólica entre os domínios público e privado, conferindo legibilidade e linearidade à rua. Mais do que uma barreira, a fachada configurou-se historicamente como uma interface porosa mediada por portas e janelas. Essa permeabilidade alinha-se aos preceitos de Jacobs (2011) sobre a importância dos "olhos na rua", condição na qual fachadas ativas garantem vigilância natural, interação social e vitalidade urbana.

Atualmente, as novas edificações interagem com essa herança de duas formas antagônicas: através do fechamento do térreo com muros e garagens, o que empobrece a vitalidade urbana; ou pela adoção de térreos comerciais, que preservam as funções sintáticas preexistentes. Esta última tipologia perpetua a relação de continuidade entre o edifício e a rua, mantendo o limiar construído como um convite permanente ao encontro e à apropriação coletiva (Figura 4).

Figura 4 – Configurações locais – Chapecó

Av. Getúlio Vargas, Chapecó - 1965



Fonte: Domingues e Joblonsky (1965).

Av. Getúlio Vargas, Chapecó - contemporaneidade



Fonte: Google (2025a).

A análise da diversidade de usos na Chapecó colonial evidencia uma forte concentração de comércio, serviços e equipamentos polarizadores do entorno rural (como hospitais e a igreja) no setor central. Destaca-se a multifuncionalidade tipológica das edificações: térreos comerciais ativos garantiam permeabilidade e vitalidade no horário comercial, enquanto os pavimentos superiores residenciais mantinham o fluxo de pessoas nos demais períodos. Essa sobreposição das esferas produtiva e doméstica conferia elevados níveis de urbanidade ao núcleo inicial.

O tecido urbano mais integrado e as vias amplas facilitaram a irradiação das atividades terciárias pelo território. Na contemporaneidade, a centralidade consolida sua vocação multifuncional através da verticalização, com a habitação nos pavimentos superiores, associada à manutenção de térreos ativos, cujos comércios e serviços se estendem de forma contínua pela malha, estruturados sobretudo pelos seus eixos viários principais.

3.2.2.2 Joaçaba

Em Joaçaba, embora a praça também se localize defronte ao templo religioso, a evolução urbana exigiu a realocação desses equipamentos para as margens do Rio do Peixe, reconfigurando a hierarquia do tecido central. Juntos, consolidam a importância da Avenida XV de Novembro, via ribeirinha que conecta a cidade a Herval d'Oeste e à antiga estação ferroviária. Contrastando com a regularidade de Chapecó, o sistema viário local adaptou-se à topografia acidentada do vale, resultando em vias mais estreitas (com largura entre dez e quinze metros) e sinuosas. O comprimento dos trechos retos geralmente restringe-se à dimensão das quadras (cerca de 100 metros), o que cria perspectivas visuais fechadas e frequentes mudanças de direção. Essa configuração morfológica condiciona uma apropriação espacial concentrada. Os fluxos organizam-se nos eixos de conexão rodoferroviária e ribeirinha, enquanto a escala viária reduzida e a proximidade entre os domínios público e privado favorecem relações urbanas densas e delimitadas. Essa dinâmica consolidou uma centralidade compacta que, na contemporaneidade, mantém seu papel estruturador. Apesar da expansão urbana, a escala contida das vias, os segmentos curtos e o rio como referencial espacial preservam a praça e a Avenida XV de Novembro como os principais polos de sociabilidade, orientando a circulação cotidiana e reforçando a identidade territorial de Joaçaba (Figura 5).

Figura 5 – Joaçaba – Permanências da forma urbana

Joaçaba - década de 1950



Fonte: Joaçaba (2022).

Joaçaba – contemporaneidade



Fonte: Remax Vivalle (2022).

Desde sua gênese, o espaço público de dimensões reduzidas estrutura-se como um vazio intersticial delimitado pela massa construída. Essa configuração canaliza a circulação e concentra fluxos, favorecendo a copresença e a apropriação intensa do cotidiano na área central. Na contemporaneidade, essa dinâmica consolida-se com a ocupação integral das testadas dos lotes pelas edificações, o que define rigidamente os limites da rua e reforça seu papel estruturador. A permeabilidade física e visual é alta, garantida por térreos comerciais e de serviços abertos aos passeios, e por pavimentos superiores residenciais voltados ao exterior, agregando segurança ao espaço público.

De modo semelhante a Chapecó, as novas edificações na região central tendem a reproduzir essa permeabilidade. Estabelece-se, assim, uma relação de reciprocidade socioespacial: para o usuário interno, o espaço público atua como uma extensão visual e social de seu ambiente; para o transeunte, a transparência dos usos edificados humaniza a paisagem construída, reforçando a percepção de um ambiente urbano vivo e dinâmico (Figura 6).

Figura 6 – Configurações locais – Joaçaba

Rua Getúlio Vargas, Joaçaba, década de 1940



Fonte: Antigamente em Joaçaba - SC (2017).

Rua Getúlio Vargas, Joaçaba, contemporaneidade



Fonte: Google (2025b).

A malha sinuosa e menos integrada condicionou, desde o período colonial, uma acentuada concentração de usos em um núcleo compacto. A justaposição de comércio, serviços, instituições e moradia gerou uma centralidade vibrante e de intensa apropriação pública. Em contrapartida, as áreas periféricas, marcadas por menor integração e permeabilidade, assumiram uma vocação monofuncional residencial, configurando espaços de domínio estritamente local. Na contemporaneidade, esse padrão de segregação espacial e funcional consolidou-se. O núcleo urbano reafirma-se como o principal polo comercial e de serviços da cidade, resguardando a tradição multifuncional através da manutenção do uso residencial nos pavimentos superiores. Simultaneamente, as áreas de entorno perpetuam a baixa diversidade de usos, refletindo uma expansão urbana pautada pela especialização dos espaços e pela clara delimitação territorial das atividades.

3.2.3 Forma urbana e vida social

A apropriação dos espaços públicos, examinada sob a ótica da configuração físico-espacial, revela que historicamente os centros de ambos os núcleos urbanos exerciam forte atração sobre a população rural. Essa dinâmica baseava-se na busca por comércio e serviços essenciais, muitas vezes viabilizados por relações de crédito e trocas, como relatado por residentes da época (Espíndola, 1996). Durante os dias úteis, essa centralidade fervilhava com a diversidade de transeuntes: moradores, trabalhadores, clientes e estudantes. Aos finais de semana, num período anterior à privatização do lazer, a sociabilidade mantinha-se viva através do uso das praças e ruas.

A distinção morfológica moldou essas apropriações: o traçado integrado e as amplas avenidas de Chapecó encorajavam o *footing* e a dispersão dos fluxos urbanos, enquanto Joaçaba concentrava o movimento em seu núcleo compacto. Essa espacialidade evidenciava-se também nos "rituais" urbanos (eventos esportivos, religiosos e culturais), em que ambas as cidades contavam com forte apelo atrator de massas. Chapecó, por exemplo, chegou a abrigar três cinemas em suas ruas, enquanto Joaçaba possuía clubes, orquestras e quatro salas de exibição cinematográfica (Candeia, 2024). Nestes cenários, a alta copresença servia não apenas ao evento em si, mas ao ato de "ver e ser visto" e de pertencimento coletivo, com a divergência mantendo-se apenas na distribuição espacial: difusa em Chapecó e densamente concentrada em Joaçaba.

Na contemporaneidade, a vida pública sofreu os impactos de um modelo capitalista que, segundo Sennett (2014), valoriza o espaço particular e reduz as ruas a meros corredores de passagem e domínio veicular. Chapecó, atual polo regional com mais de 250 mil habitantes (IBGE, 2023), reflete essa tendência através do esvaziamento parcial das ruas em prol de equipamentos privados, como shopping centers. Contudo, a herança cultural de sociabilidade do Oeste catarinense atua como vetor de resistência, preservando a diversidade de usuários nas praças. Assim, a apropriação dos espaços públicos perdura em ambas as cidades: em Chapecó, a multifuncionalidade e a integração viária garantem a vitalidade distribuída pela malha; em Joaçaba, a manutenção da compacidade central assegura a densidade e concentração histórica dos fluxos (Figura 7).

Figura 7 – Apropriação do espaço público no cotidiano de Chapecó e Joaçaba

Avenida Getúlio Vargas, Chapecó - década de 1970



Fonte: Fotos Antigas de SC (2016).

Avenida Getúlio Vargas, Chapecó – contemporaneidade



Fonte: Google (2025a).

Praça Adolfo Konder, em Joaçaba - década de 1970



Fonte: Antigamente em Joaçaba - SC (2020).

Praça Adolfo Konder, em Joaçaba - contemporaneidade



Fonte: Gerloff (2012).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo fundamentou-se na interconexão entre a evolução histórica e a análise morfológica e social dos espaços públicos de Chapecó e Joaçaba. Historicamente, os núcleos trilham caminhos inversos: Joaçaba vivenciou um ápice inicial ligado à ferrovia, mas teve seu crescimento contido pelo declínio do modal e pelas restrições de seu relevo acidentado.

Chapecó, por sua vez, impulsionada pelas rodovias e pela expansão agroindustrial a partir da década de 1950, consolidou um crescimento econômico e espacial contínuo e espalhado.

Apesar de compartilharem bases socioeconômicas semelhantes em sua gênese, as cidades materializaram espacialidades antagônicas. Em Chapecó, a topografia plana permitiu a execução integral de um plano ortogonal e hierarquizado. Essa morfologia, caracterizada por avenidas largas e pela expansão facilitada da malha, legou uma legibilidade urbana que distribuiu a vitalidade e os fluxos ao longo de seus eixos. Em contrapartida, Joaçaba formou-se organicamente. Seu traçado sinuoso, condicionado pelo vale, conformou um centro compacto e de escala íntima, onde o espaço da rua surge como interstício do edificado, gerando uma apropriação intensa na área central, mas reforçando drasticamente a segregação em relação à periferia.

Em ambos os casos, a interface edifício-rua provou ser fundamental na mediação entre o público e o privado. A permeabilidade histórica das fachadas, monumental e fluida em Chapecó e de proximidade e organicidade em Joaçaba, manteve-se na contemporaneidade como elemento garantidor da copresença. Mesmo diante das atuais transformações da urbanização capitalista, marcadas pela privatização do lazer (shopping centers) e pelo domínio do automóvel, os espaços públicos de ambas as cidades demonstram notável resiliência, reafirmando-se como polos de encontro e sociabilidade, especialmente aos finais de semana.

Conclui-se, portanto, que a forma urbana exerce papel estruturante e condicionante sobre as práticas sociais. A articulação metodológica adotada, conjugando processo histórico, desenho urbano e vida cotidiana, demonstrou-se potente para evidenciar que a morfologia não é um mero reflexo do desenvolvimento socioeconômico, mas um agente ativo na produção do espaço. Essa abordagem atesta as singularidades dos casos estudados e oferece uma contribuição metodológica e analítica significativa ao campo dos estudos urbanos.

Para trabalhos futuros, recomenda-se a aplicação desta matriz metodológica de análise espacial e histórica em outros núcleos urbanos de pequeno e médio porte, bem como a investigação do impacto dos novos instrumentos diretores de planejamento na manutenção da vitalidade e da sociabilidade nestes centros regionais.

REFERÊNCIAS

ANTIGAMENTE EM JOAÇABA - SC. Foto da praça Adolfo Konder. *Facebook*, 2020.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/828545310581340/photos/a.828575327245005/2130622313706960/?type=3>. Acesso em: 24 abr. 2025.

ANTIGAMENTE EM JOAÇABA - SC. Foto histórica de Joaçaba, SC. *Facebook*, 2017.

Disponível em: <https://www.facebook.com/828545310581340/photos/pb.100064747684819.-2207520000/879493368819867/?type=3>. Acesso em: 24 abr. 2025.

CANDEIA, L. E. **A modernidade rural dos cinemas: salas de rua e o desenvolvimento do Oeste de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora UDESC, 2024.

CARVALHO, G. L. L. *et al.* Usos e mobilidade pedonal como potencializadores da vitalidade urbana: um estudo de caso da Praça da Bandeira em Campina Grande-PB. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 20., 2023, Belém. **Anais eletrônicos [...]**. Belém: ANPUR, 2023. Disponível em: <https://anpur.org.br/wp-content/uploads/2023/05/st06-52.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2026.

CHAPECÓ. Prefeitura Municipal. **Croquis urbanos e mapas técnicos**. Chapecó: Prefeitura Municipal, 2025. Disponível em: <https://web.chapeco.sc.gov.br/documentos/Croquis/>. Acesso em: 24 abr. 2025.

CONZEN, M. R. G. **Alnwick, Northumberland**: análise do plano de cidade. Tradução de Vítor Oliveira e Cláudia Monteiro. Porto: Urban Forms, 2022.

DELGADO, G. **Capital financeiro e agricultura**: 1965-1985. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DOMINGUES, A. J. P.; JABLONSKY, T. **Vista da cidade de Chapecó (SC)**. Chapecó, 1965. 1 fotografia, p&b. Série: Acervo dos trabalhos geográficos de campo. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=422455>. Acesso em: 24 abr. 2025.

DORI, B. P. A importância de Ernesto Bertaso para Chapecó e região. **DI Regional**, Chapecó, 24 ago. 2019. Disponível em: <https://diregional.com.br/colunistas/ronda-politica/a-importancia-de-ernesto-bertaso-para-chapeco-e-regiao>. Acesso em: 23 abr. 2025.

ESPÍNDOLA, C. J. **As agroindústrias de oeste catarinense**: o caso Sadia. 1996. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

FOTOS ANTIGAS DE SC. Chapecó. *Facebook*, 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSC/posts/pfbid02SzDJYxu2QxjdcMcMjM6gwuyZYJFy6MSepzrx9G7DoN2GGP77Hmc3JVndSzzmNBB5l>. Acesso em: 24 abr. 2025.

GERLOFF, G. **Praça da Prefeitura situada na Rua XV de Novembro no centro de Joaçaba - SC**. 2012. 1 fotografia. *Pulsar Imagens*. Disponível em: <https://www.pulsarimagens.com.br/foto/foto?assunto=Pra%C3%A7a%20da%20Prefeitura%20situada%20na%20Rua%20XV%20de%20Novembro%20no%20centro%20de%20Joa%C3%A7aba%20-%20SC&procurar=rua%2015%20de%20novembro&codigo-imagem=04GG223&codigo=132635&pagina=1&posicao=2&ordenar=1>. Acesso em: 24 abr. 2025.

GOOGLE. **Street view da cidade de Chapecó, SC**. *Google Maps*, 2025a. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/qjX55T6qmQLFw1VQ9>. Acesso em: 24 abr. 2025.

GOOGLE. **Street view da cidade de Joaçaba, SC**. *Google Maps*, 2023. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/3PZCevu1GvHwfru47>. Acesso em: 24 abr. 2025.

GOOGLE. **Street view da cidade de Joaçaba, SC**. *Google Maps*, 2025b. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/3FWDZSDxKtsPvJbU6>. Acesso em: 24 abr. 2025.

HILLIER, B.; HANSON, J. **The social logic of space**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

HOLANDA, F. **O espaço de exceção**. Brasília: FRBH, 2018.

IBGE. **Chapecó**. *IBGE Cidades*, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/chapeco>. Acesso em: 3 jun. 2025.

IBGE. **Divisão do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas**. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

IBGE. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias: 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

IBGE. **Malha Municipal de Santa Catarina**. Shapefile. 1 mar. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas territoriais/15774-malhas.html?=&t=downloads>. Acesso em: 17 maio 2022.

IBGE. **Pontos de Localidades em 2010**. Shapefile. 28 nov. 2011. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estruturateritorial/27385-localidades.html?=&t=acesso-ao-produto>. Acesso em: 17 maio 2022.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

JOAÇABA. Prefeitura Municipal. **História**. Joaçaba: Prefeitura Municipal, 2022. Disponível em: <https://joacaba.sc.gov.br/pagina-6828/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

JOAÇABA. Prefeitura Municipal. **Sistema de Geoprocessamento de Joaçaba**. Joaçaba: Prefeitura Municipal, 2025. Disponível em: <https://geo.joacaba.sc.gov.br/Home>. Acesso em: 24 abr. 2025.

KOTERBAZ, E. **Planta da cidade de Joaçaba (Cruzeiro)**. Joaçaba, 1943. Escala 1:2000. Disponível no acervo do Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas (IDCH).

MEDEIROS, V.; HOLANDA, F. Editorial SintaxeBRASIL. **Revista de Morfologia Urbana**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 1-3, 2024. DOI: 10.47235/rmu.v12i1.370. Disponível em: <https://revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/article/view/370>. Acesso em: 3 ago. 2026.

NODARI, E. S. **Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

NODARI, E. S. Persuadir para migrar: a atuação das companhias colonizadoras. **Esboços**, Florianópolis, v. 10, p. 29-51, 2002.

PERTILE, N. **Formação do espaço agroindustrial em Santa Catarina: o processo de produção de carnes no oeste catarinense**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

PRANDI, J. Fotos de Chapecó – SC. **Cidades em Fotos**, 2014. Disponível em: <https://cidadesemfotos.blogspot.com/2014/06/fotos-de-chapeco-sc.html>. Acesso em: 24 abr. 2025.

REMAX VIVALE. Vista de Joaçaba - SC. *YouTube*, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PII7Y8G0gFc>. Acesso em: 23 abr. 2025.

SANTOS, S. C. (Org.). **Santa Catarina no século XX**: ensaios e memória fotográfica. Florianópolis: Editora da UFSC; FCC Edições, 2000.

SENNETT, R. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. Tradução de Lygia Araújo Watanabe. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SOLÀ-MORALES I RUBIÓ, M. **Las formas de crecimiento urbano**. Barcelona: Edicions UPC, 1997.

TENÓRIO, G. S. **Ao desocupado em cima da ponte**: um estudo sobre visibilidade pública, dignidade e cidadania na Era da Informação. 2012. 355 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: http://fredericodeholanda.com.br/orientacoes/doutorado/2012_TenorioGabriela_ao_desocupa_do_em_cima_da_ponte.pdf. Acesso em: 2 jun. 2025.

ZOLET, V. B. **Praça Coronel Bertaso: Chapecó, SC**. [19--a]. 1 imagem digital. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=449103>. Acesso em: 2 jun. 2025.

AGRADECIMENTOS E INFORMAÇÕES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.